

CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS DA PROSTITUIÇÃO DE RUA E DO TRABALHO SEXUAL DE INTERIOR*

por

Alexandra Oliveira**

Resumo: Este artigo consta de parte de um estudo teórico e empírico sobre trabalho sexual, no qual a autora aborda os diferentes actores e contextos da prostituição de rua e do trabalho sexual de interior.

Conclui-se que existe uma variedade de actrizes, práticas e contextos que nega as ideias estereotipadas. Apesar das semelhanças entre vários contextos da prostituição de rua, estes apresentam-se detentores de características físico-ambientais tão distintas entre si como são diferentes uma estrada próxima dum bairro degradado e uma rua comercial do centro da cidade. Da mesma forma, para o trabalho sexual de interior, em muito diverge um bar de *strip tease* de um apartamento que publicita mensagens para dissimular o sexo comercial. Também no que respeita às características humanas, notam-se diversas idades, sexo/género, tipos de relação com drogas e aparência física.

Palavras-chave: Trabalho sexual; prostituição; estudo empírico.

INTRODUÇÃO

Uma das características dos estudos sobre prostituição e outros trabalhos sexuais é a pouca diversificação. As investigações centram-se quase sempre nas características das mulheres que se prostituem na rua. A prostituição que ocorre noutros locais é esquecida, assim como o são a prostituição masculina, os clientes, os proxenetas, as relações entre eles e as questões contextuais, entre tantas outras abordagens possíveis.

Estudar as características das prostitutas, e apenas daquelas que o fazem na rua, para se conhecer o trabalho sexual é tomar a parte pelo todo. É ignorar um conjunto de outras variáveis importantes para se analisar e compreender o fenómeno.

* Este artigo é adaptado de parte de um estudo mais vasto que constituiu a tese de mestrado da autora – Oliveira, 2002 – defendida e aprovada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

** Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e membro do Centro de Ciências do Comportamento Desviante da mesma faculdade (Endereço electrónico: oliveira@psi.up.pt).

Entre as variáveis desprezadas encontram-se os contextos, quer os de rua, quer os de interior. Ou, ainda, os contextos onde decorrem outros trabalhos sexuais, como o *strip tease* ou o alterne.

Se existe uma grande diferença inter-categorias, de interior e de exterior – o ambiente da prostituição de rua é muito diferente daquele que é encontrado numa discoteca dum bar de hotel, por exemplo –, também intra categorias existem grandes variações. A *prostituição de interior*¹, que definimos como aquela cujas/os trabalhadoras/es não solicitam na rua, desenvolve-se em diversos contextos, onde se destacam bares, apartamentos e moradias, que são detentores de características próprias. Associados a estes contextos, estão ainda outros trabalhos sexuais, como o das massagistas, das *strip-teasers* ou das alternadeiras, que podem ou não incluir a prostituição. Todas estas actividades são ocultas, dissimuladas por telemóveis, anúncios em jornais e apartamentos de luxo. Contudo, apesar da opacidade, estas actividades são maioritárias – as poucas investigações que existem estimam que as prostitutas de rua sejam apenas entre 10 e 20% do total de mulheres que se prostituem (Weitzer, 2000). Por outro lado, a prostituição de rua desenrola-se, por definição, em espaços exteriores, mas, também estes não são necessariamente únicos nem homogéneos.

É desta diversidade de contextos, aos quais estão associadas diferentes práticas, por diferentes actrizes², que daremos conta neste artigo. Fá-lo-emos a partir da revisão da literatura e partindo da nossa própria experiência, quer como investigadora, quer enquanto interventora de rua junto desta população³. Chegaremos, assim, a uma caracterização dos diferentes contextos onde toma lugar a prostituição e outros trabalhos sexuais.

1. Os actores e os contextos

Os actores do trabalho sexual são múltiplos. Há as mulheres e os homens que se prostituem (estes quase sempre numa prostituição homossexual), os homens e as

¹ Adoptamos este termo para nos referirmos ao que a literatura anglo-saxónica tem designado por *offstreet prostitution* ou *indoor prostitution*.

² O conceito original é de actor. Este conceito este que implica uma dimensão de individualidade, de autonomia, de autopoíese e, conseqüentemente, que o indivíduo não é um ser passivo e é dotado de um ponto de vista próprio (Debuyst, 1990). E a individualidade, o ponto de vista específico, não se coaduna com uma noção que não distingue masculino de feminino. O que implica, a nosso ver, que se adapte o género do substantivo. Se falámos em prostitutas (substantivo do género feminino) dizemos conseqüentemente *actrizes* (o que de resto foi já adoptado por Welzer-Lang, Barbosa e Mathieu, 1994), se falámos em prostitutos então, dizemos actores.

³ Referimo-nos ao trabalho que efectuámos num projecto de apoio a prostitutas e prostitutos de rua do Porto – Viatura de Apoio Móvel à Prostituição –, promovido pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

mulheres clientes (estas em número diminuto e com menos visibilidade), os e as proxenetas. Há ainda as alternadeiras, as *strip teasers*, as atrizes de filmes pornográficos e outras.

Há também os homens ou mulheres que não se prostituem de livre vontade, sendo forçados a essas práticas. Actualmente, na União Europeia, existem muitas mulheres imigrantes que são obrigadas a práticas sexuais forçadas sob a ameaça e concretização de agressões e torturas que chegam a levar à morte (Manita & Oliveira, 2002). Referimo-nos aos casos que estão integrados em redes de tráfico e exploração sexual configurando uma nova forma de escravatura. Estas questões encontram-se mais desenvolvidas em Oliveira (2004).

Quanto às restantes mulheres que desempenham trabalho erótico ou sexual, elas existem em grande variedade. Da prostituta de luxo à prostituta-toxicodependente, da *stripper* à alternante, encontramos uma multiplicidade de *actrizes* que desempenham, o que Chapkis (1997) chamou de formas estigmatizadas de sexo.

A natureza do trabalho e as condições em que ele é praticado, sugerem diversos tipos, tais como as prostitutas, as *strip teasers*, as alternantes, as atrizes ou modelos pornográficos, as acompanhantes, as massagistas eróticas e as operadoras de linhas eróticas. As fronteiras que as separam podem ser bastante ténues, mas encontramos também grandes diferenças, como as que distinguem as prostitutas de rua das atrizes pornográficas.

A classificação das pessoas que se prostituem é feita de acordo com inúmeros critérios, no entanto, a tipologia que tem sido mais utilizada é a que divide as pessoas que se prostituem pelo local onde trabalham. Já Cruz (1984), no século XIX, nos primórdios da investigação sobre prostituição em Portugal, refere uma destas classificações, dividindo as mulheres que exercem esta “aviltante profissão” (p. 71) em três classes: aquelas que o fazem em casas públicas; as que o fazem na rua; e, as que são clandestinas.

São muitos os autores que classificam desta forma as mulheres que se prostituem (e. g. Thio, 1983; McCaghy, 1985; Meier, 1989; Bartol, 1991), remetendo-nos assim para diferentes contextos de trabalho. Høigård e Finstad (1992), por exemplo, organizaram as prostitutas em 4 categorias: 1. prostitutas de rua; 2. prostitutas que publicitam em anúncios de jornais ou revistas da especialidade; 3. prostitutas de hotel e restaurantes; e, 4. prostitutas que trabalham em clubes e casas de massagem ligados a redes de prostituição organizada.

Quanto a nós, propomos que as prostitutas sejam divididas em prostitutas de rua e de interior. Compreendendo estas últimas uma série de trabalhadoras ordenadas de forma hierarquizada: ascendendo desde a prostituta de bar até à *call girl*, passando pelas trabalhadoras de bordel, das casas de massagens e acompanhantes. Dividir deste modo as prostitutas, parece-nos uma das formas mais precisas de o

fazer. É que, a separar estes diferentes tipos, está uma variedade de características que vão desde o preço dos serviços que prestam e aparência física até questões como o poder negocial que elas têm com os clientes, a independência face a exploradores e os contextos onde trabalham.

As *call girls* são de entre todas as prostitutas aquelas que têm os estatuto mais elevado, vivem num local diferente daquele onde trabalham e moram nas melhores zonas das cidades, têm consciência do seu estatuto e não se deixam confundir com os outros tipos de prostitutas (Thio, 1983). A forma como angariam clientes é através da gestão duma agenda própria. A *call girl* só pode ser recrutada através de um sistema de referências, geralmente uma *patroa*, outra *call girl* ou clientes (Lever & Dolnick, 2000). Todavia, há autores que consideram que elas podem angariar os clientes através de contactos efectuados por intermediários, como taxistas, proxenetas e empregados de bares (Meier, 1989) ou anunciando em jornais da especialidade, constituindo neste caso as menos sofisticadas de entre as *call girls* (McCaghy, 1985). As *call girls* quando são contratadas por um cliente deslocam-se a um local por um período de tempo combinado com este. Elas podem ser chamadas a hotéis ou domicílios e, não estando a sua actividade restrita às relações sexuais, podem passar uma noite com o cliente ou acompanhá-lo num jantar.

As prostitutas de rua têm características opostas a estas. Elas são provenientes da classe trabalhadora, são minoritárias relativamente ao total de prostitutas, têm mais idade, ganham menos dinheiro, estão mais sujeitas à perseguição da polícia em países em que a prostituição é proibida, como nos EUA (Bartol, 1991) e incluem uma maior percentagem de toxicodependentes (Porter & Bonilla, 2000). Outra das características da prostituição de rua é a ampla vitimação a que estão sujeitas (Silbert & Pines, 1981, 1982; Høigård & Finstad, 1992; Welzer-Lang, Barbosa & Mathieu, 1994; Pryen, Barbotin & Mary, 1997; Farley & Barkan, 1998; Schissel & Fedec, 1999; Davis, 2000; O'Neill & Barberet, 2000; Oliveira & Manita, 2002). Raptos, violações, ataques, insultos, coacção para terem relações sexuais sem preservativo, roubos, furtos e tráfico constituem a violência a que a mulher que se prostitui na rua está susceptível.

Dos nossos dados empíricos tem ressaltado que, embora todas elas solicitem na rua, os locais onde se concretiza o passe são diversos. As pensões e os carros dos clientes são os locais preferenciais (tendo estes últimos como vantagem para o cliente um preço mais baixo), mas, algumas relações sexuais pagas, concretizam-se em matas, parques ou em locais mais requintados, como hotéis e, raras vezes, em casa dos próprios clientes.

Entre estes dois extremos, *call girls* e prostitutas de rua, existem, como já vimos, outras formas de prostituição e existem ainda outros trabalhos sexuais ou eróticos que não incluem e efectivação de relações sexuais. É o caso das bailarinas

de *strip tease* e das alternadeiras, mas ainda das operadoras de linhas eróticas ou das trabalhadoras dos *peep shows*.

Em suma, reiteramos a existência de uma grande diversidade de atrizes e de contextos do trabalho sexual. Salientar os diferentes actores e contextos, assim como diferenciar o trabalho sexual em vários tipos é importante para perceber quer as suas semelhanças, quer as suas diferenças (Weitzer, 2000). Até porque o trabalho sexual e os seus contextos não são todos iguais.

2. Metodologia utilizada no estudo empírico

A dificuldade de acesso aos actores e aos meios tem sido um dos obstáculos mais sentidos por quem investiga a prostituição (Whittaker & Hart, 1996; Lever & Kanouse, 1998; Kanouse *et al.*, 1999; Lever & Dolnick, 2000). No nosso caso, a acessibilidade foi também uma barreira que se foi evidenciando ao longo do trabalho.

Se, no que se refere às prostitutas de rua, não se colocou tanto esta questão, resultado dos contactos de terreno que nos tem proporcionado o trabalho que temos vindo a desenvolver no âmbito do projecto de intervenção a que já aludimos (nota 3), no caso do trabalho sexual de interior os vários impedimentos fizeram notar-se desde cedo. Estas dificuldades orientaram-nos, então, para estratégias que nos permitiram o acesso ao meio e aos actores. Levaram-nos aos métodos em cadeia, que recorrem a várias estratégias de amostragem, entre as quais se incluem o método *bola de neve* (*snowball*) e o recurso a informantes-chave (Fernandes & Carvalho, 2000).

A *bola de neve* ou amostragem por cadeias de referência é um método particularmente aplicável quando se estudam questões sensíveis e tem sido largamente utilizado no estudo das populações ocultas, nomeadamente os toxicodependentes (Biernacki & Waldorf, 1981) e as pessoas que se prostituem (por exemplo, Høigård & Finstad, 1992; Lever & Dolnick, 2000). Segundo Kemmesis (2000), são geralmente dois os propósitos que motivam o uso desta técnica: a possibilidade de atingir populações amplas e heterogéneas e a oportunidade de focar aspectos do fenómeno que não podem ser alcançados por outros métodos.

Neste estudo, utilizamos o método *bola de neve* tal como originalmente ele surgiu: como uma técnica etnográfica que permite o acesso ao campo de interesse do investigador (Kemmesis, 2000). E, ter feito do investigador o principal instrumento da investigação, como no caso da etnografia (Fernandes, 1998) e ter recorrido ao método *bola de neve* e aos informantes-chave revelou-se uma boa opção metodológica. Deste modo, se as fontes dos dados foram, além das próprias traba-

lhadoras sexuais, os informantes privilegiados e o meio onde se desenrolam as actividades do trabalho sexual ou meios afins, as técnicas de recolha de dados foram as entrevistas e as observações no terreno.

Vejamos brevemente cada uma destas técnicas utilizadas no trabalho empírico.

As entrevistas feitas às trabalhadoras sexuais seguiram um guião com diversas áreas temáticas. Neste incluíam-se questões relativas à sua actividade (o que faz; onde faz; há quanto tempo; quanto ganha; como se relaciona com os outros actores, etc.) e à organização dos locais de trabalho erótico (onde decorre o trabalho; quem lá trabalha; que tipo de vínculo tem com a gerência da casa; etc).

Foram ainda realizadas entrevistas a informantes-chave que serviram como intermediários para aceder às mulheres e/ou que funcionaram como fonte de informação. Estes intermediários foram de dois tipos: os *informantes participantes* – pessoas que estão ou estiveram directamente envolvidas no negócio da compra e venda de sexo, ou seja, prostitutas, gerentes e clientes; e *informantes com papel secundário* – pessoas cuja actividade profissional ou local de trabalho os colocam numa situação privilegiada de conhecimento sobre o trabalho sexual e as pessoas que o realizam⁴. Exemplos destes últimos são os profissionais da hotelaria, sobretudo estabelecimentos de diversão nocturna e hotéis, os técnicos que trabalham com esta população ou jornalistas. Estas entrevistas foram efectuadas a partir de um guião que explorava o tema dos actores e do mundo do trabalho sexual, tentando perceber como é que está organizado e como se processa o trabalho das mulheres, o tipo de estabelecimentos que existem e os diferentes serviços que oferecem.

Quanto às observações no terreno, começaram por ser ocasionais para se tornarem sistemáticas. Estas abrangeram quer situações de observação directa sem interacção, quer outras em que houve interacção com os indivíduos.

O primeiro caso, da observação sem interacção, refere-se a situações em que o investigador se limita a participar de forma anónima nas actividades em curso, sem que se conheça o seu estatuto de investigador (Fernandes, 1998). É disto exemplo uma ida a um bar de alterne como qualquer cliente, para observar as mulheres e o seu comportamento, o ambiente e o tipo de interacções que estabelecem com os clientes da casa. É, segundo a terminologia de Gold (1958 *cit in* Adler & Adler, 1998), a observação pura, o estatuto de observador completo (*complete observer*).

Nas situações em que interagimos com vários actores do meio, fizemo-lo na condição de investigadores e com a facilitação dos nossos informantes-privilegiados. O papel que tínhamos nesses meios era um papel de membro periférico, isto é, observávamos e interagíamos com proximidade bastante dos participantes para

⁴ Lever & Kanouse (1998), num estudo com esta população, chamam-lhes *participant informants* e *“supporting cast” informants* (p. 401), respectivamente.

conseguirmos uma perspectiva do *interior* mas sem participar nas actividades que constituem a característica central daquele grupo naquele contexto (Adler & Adler, 1998). Foi assim que na qualidade de amiga de uma gerente de uma casa de *strip-tease*, conversamos com mulheres *strippers*, enquanto estas se preparavam no camarim antes do início dos espectáculos. Situações de privilégio como esta permitem apreender uma riqueza imensa de dados relativos ao contexto que estamos a estudar. Além da possibilidade de captar o contexto ambiental, os olhares, os gestos, os comportamentos numa situação *natural*, num meio em que elas se sentem confortáveis, é possível ainda indagar questões concretas que surgem naturalmente à medida que a conversa se desenrola (são deste molde as entrevistas informais). Sabendo o que queríamos perguntar, íamos aguardando pacientemente que se nos deparasse um tema, uma dica, uma afirmação, uma pista que nos permitisse prosseguir na direcção daquilo que pretendíamos ou noutra direcção qualquer que não havíamos previsto. Sem tentar, nunca, impor algo. Aliás, esta não era a nossa intenção. Bastava já estarmos lá. Não queríamos impor mais nada.

No que respeita à escolha dos locais, ela foi determinada por dois critérios: a) a relevância destes para o nosso objecto de estudo, como é o caso dos bares de alterne e de *strip-tease*; b) a possibilidade que tínhamos de aceder a estes locais. Mesmo no caso da observação pura há locais de muito difícil acesso pelo facto de sermos de sexo feminino, se pensarmos nos bordéis *stricto sensu* percebemos porque a nossa entrada foi completamente impossível.

A observação participante foi levada a cabo em três bares. A saber: um bar de alterne, um bar de alterne e *strip-tease* e um bar onde coexistem as práticas de alterne, *strip-tease* e prostituição. Num dos sítios fomos levados pela gerente da casa, mas nos outros dois entrámos através de uma das trabalhadoras do local. Em qualquer dos três casos pudemos conversar com outras pessoas: trabalhadoras sexuais, empregados e gerentes. Assim, como já referimos, mantivemo-nos a dialogar com os diversos participantes tanto quanto foi possível. Sabendo do nosso propósito, as conversas andavam inevitavelmente em torno da nossa investigação e do trabalho sexual, actores e contextos.

Para as observações simples seleccionámos locais muitos diversos, quer no que respeita aos serviços oferecidos, quer no que toca ao seu estatuto socioeconómico. Assim, estivemos num bar e numa discoteca de um hotel, num bar de alterne, numa casa de saídas⁵ e num bar de *strip-tease*, todos de nível económico superior, e num bar de alterne e num bar de alterne e *strip-tease* de nível económico inferior (acresce que os locais onde efectuámos a observação participante eram de nível médio e baixo).

⁵ É este o nome por que são conhecidos os bares que têm mulheres disponíveis para relações sexuais pagas num local a combinar com o cliente.

Neste locais, limitámo-nos a observar enquanto as actividades decorriam, tal como se não estivéssemos lá. Em alguns locais, contudo, a nossa presença foi bastante notada pelas mulheres que nos examinaram com a maior curiosidade. O local em que mais sentimos esta reacção foi na casa de saídas, o que nos pareceu próprio dada a natureza deste espaço e, conseqüentemente, os objectivos dos clientes que o procuram. Noutros locais, como as casas de alterne e *strip-tease*, devido à menos invulgar presença feminina entre a clientela, a reacção das trabalhadoras sexuais foi, sobretudo, de indiferença.

No que respeita à prostituição de rua, as observações foram realizadas de duas formas distintas. Efectuando percursos nocturnos e diurnos pela cidade em que, de carro ou a pé, nos limitamos a captar o que a rua nos oferecia. Ou, são o resultado do conhecimento de terreno que nos tem proporcionado o já referido projecto de intervenção. Também aqui, mais uma vez, nos orientamos para os contextos. Procurámos averiguar as características dos diferentes territórios de rua onde se desenvolvem actividades prostitutivas femininas, bem como a sua localização no espaço urbano.

Passemos, então, agora, às caracterizações que obtivemos com esta metodologia.

3. Os contextos do trabalho sexual de interior

A diversidade de locais onde se desenrolam os trabalhos sexuais de interior, bem como os serviços que oferecem, é considerável. Aqui, tal como nos tipos de trabalhadoras sexuais, existe uma hierarquia pelo nível socio-económico. Em cada categoria de serviço apresentam-se alternativas para todos os graus de exigência dos clientes e para qualquer preço. Encontram-se locais luxuosos, bonitos, limpos, cuidados, com atendimento atencioso e com um serviço muito caro, mas encontram-se, igualmente, sítios pobres, feios, sujos, claustrofóbicos, rudes e com um serviço mais barato.

A organização destes locais permite-nos falar em bares e casas, sendo que no grupo dos bares encontramos três categorias: os bares de alterne, os bares de *strip-tease* e os bares de saída. Mas, antes de nos focarmos nos bares e nas casas, façamos referência a outros contextos onde é desenvolvido o trabalho sexual.

Existem locais que, não sendo específicos das práticas de trabalho sexual, admitem prostitutas que aí se deslocam para angariarem clientes ou para efectuarem as relações já combinadas com estes. Os hotéis podem, em certas circunstâncias, funcionar desta forma. E um bar ou uma discoteca não direccionados para estas actividades podem também constituir local de sedução com intuítos comerciais. Neste caso, de referir apenas que os bares e discotecas funcionam como quaisquer

outros, mas num certo dia da semana, por exemplo, têm uma parte da clientela baseada na oferta e procura do negócio do sexo.

Quanto aos hotéis, eles merecem-nos uma atenção mais cuidada. Os serviços que oferecem os hotéis não são, em princípio, sexuais. Mas se os seus clientes se dirigirem à recepção solicitando uma companhia feminina, os empregados saberão o que fazer. E podem fazer três coisas: indicar ao cliente onde se situam as casas da especialidade para quem procura uma mulher-sexo; telefonar para uma rapariga que consta da sua lista de contactos; ou, ligar para um intermediário ou casa que lhes envia uma trabalhadora sexual.

Com este serviço, o empregado do hotel pode ganhar uma comissão (por exemplo, 25 em 150 euros) ou, então, o que é mais habitual, receber uma gorjeta do cliente (cujo valor é variável, mas que pode ser de 5 ou 10 euros), sobretudo se este tiver ficado satisfeito com a mulher que lhe foi indicada.

É assim que as prostitutas entram nos hotéis, mesmo que sejam de cinco estrelas, ou sobretudo nestes: pela porta principal e chamadas pelos funcionários do hotel. É claro que estas actividades são do desconhecimento das gerências e, para muitos funcionários, falar sobre isto é um tabu. Contudo, há que manter os clientes satisfeitos.

Outras entradas no hotel são possíveis. Ocorrem de duas formas: quando o cliente entra com uma prostituta que leva para o seu quarto ou quando, por moto próprio, contacta uma que chama para o hotel (utilizando os seus conhecimentos ou recorrendo aos anúncios colocados nos jornais). Nesta caso, quem está na recepção do hotel pode nem notar e se se aperceber, a atitude que toma é de indiferença, podendo, eventualmente, aumentar a factura do cliente que de quarto individual passa a duplo.

Um outro esquema existe em alguns hotéis. Nestes, os seus bares ou discotecas têm grande frequência de prostitutas que aí se deslocam para angariar clientes. Elas vão-se instalando e os interesses, como, por exemplo, as comissões dos *barmen*, também. Por vezes, nem a própria gerência consegue lutar contra estes esquemas de angariação e ganhos de percentagens que se foram estabelecendo no bar ou na discoteca. São outras formas de exploração do trabalho sexual. E existem empregados de recepção e de bar ou discoteca de hotel que quase duplicam o seu salário com esta espécie de proxenetismo moderno.

Dos locais cuja actividade principal não é o trabalho sexual, passemos, então, para os bares e casas cujo negócio principal é este. Vejamos, assim, as casas de prostituição. Estas casas, algumas das quais referidas como casas de massagens, mesmo sendo poucas a proporcionar este serviço, estão organizadas de várias maneiras.

Uma das formas de organização diz respeito aos casos das mulheres que trabalham sós e de modo independente. Esta maneira de trabalhar comporta, segundo

elas, quer riscos, quer vantagens. Risco financeiros, pois não têm a garantia de que vão ganhar o dinheiro suficiente para fazer face às despesas fixas, a mais relevante das quais se refere ao pagamento da renda do imóvel. E, riscos pessoais, porque uma mulher que exerce esta actividade sozinha num apartamento está mais vulnerável a agressões por parte de clientes do que se estiver na companhia de outras mulheres. É, deste modo, que algumas delas relatam histórias de ataques por parte de supostos clientes em que foram salvas por um acaso.

Entre as vantagens estão: não terem de partilhar os lucros com outras pessoas, terem mais poder sobre o seu trabalho e o maior recato que conseguem obter. Para quem dissimula uma parte da sua vida pela consciência da condenação social dos actos que empreende, esta situação é percebida como mais prudente – acham mais arriscado que outras mulheres as conheçam na sua actividade de prostitutas.

Uma outra forma de funcionamento é a das casas em que trabalham duas mulheres, sendo que uma é patroa e outra empregada. Neste caso existe uma lógica de exploração de uma mulher por outra. A justificação que adoptam para não trabalharem sozinhas prende-se com a adequação ao mercado dos clientes que buscam sempre a novidade. Dizem que é preciso ter sempre uma rapariga nova, que vão intercalando à quinzena, para que os clientes não se cansem de procurar aquela casa. A segunda rapariga, ou terceira, quarta e por aí fora, pois às vezes trata-se de mais do que uma, serve então dois propósitos: ajudar a aumentar o lucro e satisfazer uma clientela exigente de novidades.

Estas casas nem sempre são geridas por uma mulher. Por vezes, por detrás do negócio encontra-se uma organização. Estas organizações podem possuir mais do que uma casa, e as raparigas vão sendo mudadas de uns locais para outros para serem mais rentáveis, segundo a lógica já mencionada da novidade. Muitas destas casas funcionam em apartamentos, enquanto outras operam em vivendas, sendo que algumas delas luxuosas estão equipadas com vários serviços e espaços diferenciados (saunas, videos, orgias, sado-maso, urofilia, ...). Existe, pois, oferta para todos desejos e níveis socio-económicos.

Vejam agora, o caso dos bares. Estes, que são habitualmente referidos como bares de alterne, podem ser de alterne, de *strip-tease* e de saídas, ou podem oferecer a combinação de vários serviços num só. Isto é, num bar de alterne, além deste serviço, podem decorrer espectáculos de *strip-tease* e/ou ser possível que as mulheres saiam para ter relações sexuais com os clientes noutra local.

Encontram-se ainda bares de alterne ou de *strip-tease* onde existem os chamados reservados ou privados. Estes são pequenos espaços situados no bar, fisicamente delimitados, geralmente com uma cortina num dos seus lados e contendo quase sempre um sofá e uma mesa, ou apenas um sofá. Estes reservados, onde o serviço tem um preço superior, têm como objectivo proporcionar um maior recato ao clien-

te. Aí, o cliente pode oferecer uma bebida ou pagar um *strip-tease* e usufruir da companhia ou do espectáculo sem que ninguém assista à sua conversa *íntima* com a alternadeira ou ao seu acto *voyerista* com a *stripper*. Em muitas casas é exactamente isto que acontece, mas, noutras, estes reservados são utilizados para a prática de relações sexuais a troco de mais dinheiro. Estes actos prostitutivos podem ser ou não do conhecimento da gerência; esta pode ser mais ou menos conivente com uma actividade que pode imputar à casa a acusação de lenocínio, mas que, por outro lado, apraz os clientes que lhe proporcionam o lucro.

Temos então várias combinações: bares de alterne, bares de alterne e saídas, bares de alterne com reservados/privados, bares de *strip-tease*, bares de *strip-tease* e alterne, etc. Porém, apesar de todas as combinações possíveis, na generalidade, uma das actividades funciona como principal, enquanto que a outra ou outras têm um papel acessório. Tomando o alterne, o *strip-tease* ou as saídas como a actividade central, façamos uma descrição destes locais e das actividades e interacções que aí decorrem.

Começemos pelos bares de alterne. Para cada um destes tipos de bares existe, como é regra no mundo do trabalho sexual, uma hierarquia baseada no estatuto socio-económico. Alguns locais são desagradavelmente pequenos, escuros e deprimentes, outros, pelo contrário, são agradáveis, bem decorados e com um ambiente festivo.

O tamanho também é variável, existindo casas pequenas e casas de grandes dimensões. Consequentemente, o número de mulheres que empregam, bem como a quantidade de clientes, também é díspar. Se existem casas com 7 ou 8 alternadeiras, outras chegam a ter 50 ou 60 mulheres.

Os preços das bebidas e o dinheiro que as empregadas auferem são também variáveis, mas, contrariamente ao que seria de esperar, quanto mais cara a bebida, menos tempo a mulher dedica ao cliente. Expliquemos: cada bebida que o cliente oferece à alternadeira confere-lhe o direito a usufruir da companhia daquela durante um período de tempo determinado, que pode ser alvo dum controlo mais ou menos rigoroso. Geralmente, nas casas mais pequenas e de nível socio-económico inferior este controlo não é tão apertado e as mulheres podem permanecer mais tempo com o cliente que lhe ofereceu a bebida. É também nestes locais que as bebidas, condição com o *nível* da casa, são mais baratas. Nos bares mais distintos, em que as bebidas são mais caras, este controlo faz-se ao minuto, havendo locais onde o pagamento de cada copo dá direito apenas a dez minutos, findo os quais o cliente deve pagar outra bebida ou, então, a mulher deve abandonar a mesa. É assim que surge a contradição de a um serviço mais caro corresponder uma menor quantidade de tempo dispendido.

Os preços das bebidas que os clientes pagam às alternantes, quando comparados com os preços praticados pelos bares ou discotecas que não têm trabalhadoras

sexuais, são muito elevados. Como exemplos: um copo com um sumo pode custar cerca de 30 euros e uma garrafa de espumante das pequenas custa cerca de 50 euros. Se se tratar de uma garrafa de champanhe francês o cliente poderá ter que pagar entre 250 e 600 euros consoante a marca comercial da bebida. Destes valores, metade cabe à mulher que recebe o alterne e a outra metade fica para a casa. Além dos 50% que ganha em cada bebida, a alternadeira recebe uma quantia por noite que pode variar entre os 20 e os 40 euros.

É nestes locais mais caros que se encontram as raparigas mais jovens, mais bonitas, melhor vestidas e mais escolarizadas. São também aquelas que ganham mais dinheiro mensalmente, quer porque a quantia que recebem por noite é superior, quer porque a casa tem mais movimento de clientes com mais poder económico e, logo, recebem uma maior quantidade de dinheiro proveniente das percentagens das bebidas. São ainda aquelas que aparentam ser melhores profissionais. Verdadeiras atrizes que representam para os seus clientes.

Seja de que nível for a casa, existem, contudo, aspectos comuns. São locais com pouca luz, com música ambiente calma e romântica, existem sempre espelhos nas paredes, todos têm mesas pequenas (apropriadas para comportarem duas pessoas), os sofás são estreitos para que o cliente e a alternadeira fiquem fisicamente próximos, existe uma pista de dança para onde estão viradas as mesas.

O processo de atendimento de cada cliente também é comum a todas elas. O cliente chega, senta-se numa mesa e há um empregado ou gerente que designa uma rapariga para se sentar junto a ele. A rapariga aproxima-se da mesa, cumprimenta o cliente com dois beijos na face e depois a interacção é a habitual: os que ainda não pagaram são seduzidos a fazê-lo com gestos íntimos e carinhosos pouco expansivos; os que já “ofereceram um copo”, merecem maior proximidade e intimidade.

No entanto, o tipo de interacção depende da mulher e daquilo que ela é capaz de fazer. Observamos alternadeiras que nunca permitiam que os clientes se *colassem* demasiado a elas ou que as mãos daqueles se deslocassem pelos seus corpos, mas vimos outras a permitir, por exemplo, o tacteamento das mamas ou coxas. Também a marcação de encontros sexuais pagos nos reservados, ou fora do horário de trabalho e no exterior do bar, depende da trabalhadora sexual (embora possam existir constrangimentos associados ao tipo de gerência da casa).

Quanto aos bares de *strip-tease*, também eles se encontram inseridos numa hierarquia e esta repercute-se no tipo de ambiente, nas características das mulheres e no dinheiro que elas ganham, tal como nas casas de alterne. Muitas das características ambientais dos bares de alterne são comuns a estes: são locais com pouca luz, com músicas românticas (excepto algumas das que são coreografadas pelas bailarinas), estão repletos de mesinhas e direccionam-se, não para uma pista de dança, mas para o palco onde decorre o *strip-tease*. Estes palcos, ou *passerelles*, têm

sempre umas barras metálicas verticais que entram nas coreografias eróticas das mulheres, mas podem ter outros elementos, como uma roda com cerca de dois metros de diâmetro feita com um tubo metálico, uma pequena cama ou canapé (*cama erótica*) ou uma torneira (*chuveiro erótico*). Muitos destes bares são desnivelados ou ligeiramente em anfiteatro, sempre centralizados no palco.

As casas de *strip-tease* com alterne ou reservados são ligeiramente diferentes daquelas em que apenas se assiste a espectáculos de *strip-tease*, e esta diferença é acentuada sobretudo pelo comportamento das mulheres. No caso das últimas, as mulheres não se arrastam pelas mesas. Fazem a sua dança, desaparecem nuas e voltam com roupas bonitas ignorando os olhares dos clientes, até que seja novamente a sua vez de dançar. Apesar do erotismo que exala das danças e dos olhares lascivos que vêm da assistência, existe um ambiente menos pornográfico. Os espectáculos de *strip-tease* não se efectuam apenas no palco, existem também as *table dances* e as *private dances*. As primeiras efectuam-se junto da mesa do cliente que pagou a dança e, as segundas, nos privados.

O ordenado auferido pelas bailarinas é pago ao dia com um montante fixo (cujo valor depende da idade e da aparência física da mulher, da sua nacionalidade, da qualidade das suas danças e do seu erotismo), ao qual acresce uma percentagem das danças privadas ou na mesa. Nos locais onde também se pratica o alterne há que juntar as percentagens conseguidas com este.

Por último, os bares de saída. Estes bares são os que têm um ambiente mais parecido com uma casa de passe, à excepção das características físico-ambientais que se assemelham aos bares de alterne e de *strip-tease* – existem as mesinhas, a pista de dança ou a *passerelle*, a mesma música ambiente, a média luz, etc. Porém, nestes bares as mulheres não estão sentadas nas mesas fazendo companhia a um homem. Elas estão sozinhas e os clientes permanecem durante pouco tempo dentro do bar. Quando as mulheres bebem uma bebida com um cliente, parece haver menos intimidade, como se não tivessem necessidade de a mostrar ali. O que é verdade, na medida em que o bar funciona como a antecâmara do local onde vai decorrer a actividade sexual. O trabalho das alternadeiras é proporcionar uma certa intimidade a troco duma bebida. O trabalho destas mulheres é fornecer uma acto sexual remunerado. Só que esse acto não tem lugar ali. Há, então, um grande movimento de mulheres e clientes a entrar e a sair. E muitas mulheres que saem sozinhas, ou com outras colegas, para entrarem em táxis que as esperam no exterior e que as vão levar para outros locais aos quais foram chamadas. Estes bares lucram com uma percentagem do passe da mulher ou, então, obrigam a que o cliente faça um consumo mínimo antes que a mulher possa sair com ele. De qualquer forma, a trabalhadora sexual, ao contrário das alternadeiras ou das *strippers*, não recebe por noite, mas por relação sexual. Esta efectua-se onde o cliente e a mulher combinarem, geralmente

num hotel, mas, algumas destas casas, situam-se próximas de residenciais, que têm a mesma gerência e onde são efectivadas as relações sexuais.

Resumindo, os contextos do trabalho sexual e as suas características são diversos. Encontramos desde locais com exclusividade no trabalho sexual até outros que o dissimulam nas suas actividades hoteleiras. Os serviços oferecidos são múltiplos e num mesmo bar pode coexistir mais do que um tipo de trabalho sexual. Ainda, as características do trabalho diferenciam muito as mulheres e organizam-nas pelo estatuto socio-económico. No entanto, existem algumas características identificadas como comuns e que, mais do que afastar, aproximam contextos, actores e práticas.

Vejamos agora o que se passa com a prostituição de rua referindo os seus territórios.

4. Os contextos da prostituição de rua

A prostituição de rua desenvolve-se em vários territórios da cidade. Não testemunhámos ruas ou bairros próprios para estas práticas. Observamos a sua distribuição espacial por diversos lugares. No Porto, as prostitutas de rua espalham-se pela cidade. Quer estejamos no centro, quer na periferia, podemos encontrar zonas onde se pratica a prostituição. Na periferia decorre sobretudo junto das grandes vias de acesso: vias rápidas e circulares que escoam o tráfego de e para a cidade.

Uma parte destas mulheres encontra-se junto a bairros de habitação social que configuram aquilo a que Fernandes (1998) chamou de territórios psicotrópicos, isto é, territórios atractores de “indivíduos que têm interesses em torno das drogas, com um programa comportamental orientado para aspectos instrumentais ligados a um estilo de vida em que elas têm um papel importante” (p. 167). Trata-se então, maioritariamente, de toxicodependentes que por razões instrumentais permanecem simultaneamente perto das estradas que movimentam os possíveis clientes e a pouca distância do local onde podem adquirir a droga que necessitam. Assim, é possível observar, nalguns casos a qualquer hora do dia, o vai-vém de mulheres que se deslocam da berma das estradas para o interior do bairro e vice-versa. E podemos presenciar ainda o movimento de carros que abrandam, param e voltam a arrancar com uma mulher prostituta no seu interior para voltar dentro de 15 a 20 minutos.

Estas mulheres estão quase todas nas casas dos vinte e trinta anos. Há, porém, algumas *junkies* com uma carreira já longa. Maioritariamente têm uma aparência física muito degradada, algumas vivem em muito más condições de habitabilidade (na rua ou em edifícios abandonados, como fábricas antigas), têm necessidades higio-sanitárias muito baixas, quer na sua actividade prostitutiva, quer na sua vida pessoal. As relações sexuais são praticadas especialmente em viaturas, há um pre-

domínio do sexo oral e os preços, em geral, são mais baixos do que os praticados noutros locais.

A prostituição localizada junto destes territórios psicotrópicos não tem, todavia, o monopólio. Existem outros locais de práticas prostitutivas na periferia da cidade, nomeadamente perto de zonas verdes, como matas ou parques. Nestes casos, alguns dos locais, são constituídos mais uma vez por toxicodependentes, mas outros integram mulheres sem contactos com as drogas.

Já no centro elas encontram-se essencialmente em zonas onde a cidade se desertifica durante a noite, mesmo que tenham comércio diurno. Muito movimentados durante o dia, estes locais, à noite, ficam desabitados de transeuntes e a única circulação é a automóvel. Em algumas ruas, a quase totalidade dos carros circula apenas com um passageiro do sexo masculino e o comportamento destes homens é análogo entre si: conduzem em marcha lenta, observam enquanto se insinuem e desaparecem ou, então, aproximam-se e dialogam com a mulher na tentativa de efectivarem relações sexuais pagas.

Na maior parte das vezes, além de desertas, estas zonas são escuras. São locais mal iluminados, com arcadas e árvores frondosas que deixam os passeios com pouca iluminação e as mulheres com a sensação de estarem protegidas dos olhares mais recriminadores.

Há contudo locais destes, no centro da cidade, onde as prostitutas não estão apenas de noite. Nestes casos, coexiste pacificamente o movimento dos clientes do negócio do sexo com o movimento dos clientes de outros negócios. Algumas destas zonas são simultaneamente zonas residenciais, sem que daí resulte qualquer conflito notório com os moradores.

As práticas prostitutivas do centro da cidade são efectuadas principalmente em pensões, constituindo estas um negócio paralelo à prostituição. Algumas pensões desempenham o papel de organizador espacial da prostituição na medida em que esta se ordena topologicamente a partir daquelas. A prostituição é a actividade que pode proporcionar o maior lucro a estas pensões, pois as mulheres que as utilizam efectuam um pagamento fixo de cada vez que usam o quarto com um cliente. Se pensarmos que este pagamento ronda habitualmente os cinco euros, que cada relação sexual demora quase sempre entre 10 e 20 minutos e que uma prostituta pode chegar a atender 10 a 15 clientes por dia, podemos perceber a importância desta actividade ilícita nos negócios hoteleiros supostamente lícitos. A prática mais habitual é, neste tipo de prostituição, o sexo vaginal antecedido de estimulação oral.

É no centro da cidade que se concentra a quase totalidade das prostitutas que não são toxicodependentes, embora em algumas zonas também existam dependentes de drogas. A faixa etária é aqui mais alargada, a aparência física das mulheres e a forma como estão na actividade prostitutiva também é mais diversa e há ruas que

concentram ainda a prostituição masculina, nomeadamente os travestis e os transsexuais.

Considerando centro e periferia, podemos dizer que a prostituição se desenvolve em quatro tipos de zonas: 1. zonas residenciais; 2. zonas simultaneamente comerciais e residenciais; 3. próximo de zonas verdes; e, 4. em vias de passagem de tráfego automóvel.

Na sua distribuição espacial pela cidade, as pessoas que se prostituem na rua estão, muitas vezes, organizadas segundo determinadas características tais como a idade, a dependência ou não das drogas, o sexo ou género e a aparência física. Decorre daqui também uma diferenciação dos preços praticados. Assim, existem zonas ou pontos de uma mesma zona em que se concentram sobretudo mulheres com uma idade superior aos 40 anos. Nestas zonas, percebem-se pequenos aglomerados de mulheres que se juntam à volta de velhas pensões. As pensões destas mulheres são um espelho das suas habitantes: degradadas e com a marca do peso dos anos no rosto que é a sua fachada. Podem ver-se nalguns locais pontos com grande proximidade, diríamos mesmo à distância de poucos metros, em que as prostitutas estão agrupadas segundo a idade, por exemplo, as mais velhas juntam-se à porta da pensão e as mais novas, um pouco ao lado, reúnem-se em torno de uma esquina com mais visibilidade.

No que respeita à relação com as drogas, além da organização em torno dos bairros, existe por vezes uma distribuição espacial que é consequência da rivalidade entre grupos. Isto é, enquanto que no caso das toxicodependentes que estão junto dos bairros se trata de uma auto-segregação instrumental, noutros casos o afastamento das dependentes de droga é uma consequência da rivalidade que existe entre estas e as restantes. Existem territórios bem definidos cuja invasão é rejeitada por aquelas que se consideram detentoras de uma legitimidade conferida pelo cumprimento dos códigos de conduta éticos. Expliquemos: tal como Faupel (1991) constata com os heroinómanos, as prostitutas têm um código de ética ao qual aderem. Levar um preço fixo combinado com as restantes prostitutas ou não roubar os clientes fazem parte desse código. A violação deste leva à estigmatização dentro do próprio grupo e quem desrespeita as regras a maior parte das vezes, são as prostitutas toxicodependentes. São estas que, por causa da urgência de dinheiro ditada pela abstinência da droga, mais facilmente acedem a baixar os preços, ou tiram dinheiro aos clientes. Ora, esta conduta contra-ética leva muitas vezes a que as prostitutas não toxicodependentes se confrontem directamente com aquelas, numa lógica de demarcação e de definição de territórios salvaguardando uma concorrência leal às normas.

A organização em torno do sexo ou género é das mais evidentes. É nítida a zona dos travestis e transsexuais ou a zona dos prostitutos, relativamente aos locais onde se exerce a prostituição feminina. Apesar de junto aos travestis ser possível ver

também prostitutas, elas diluem-se visualmente na aparência vistosa daqueles, e o local não deixa de ser, até pela menor quantidade de mulheres, a *zona dos travestis*.

Uma outra organização espacial pode ser encontrada: pela aparência física. Referimo-nos a zonas ou esquinas em que as mulheres se apresentam com um aspecto bastante cuidado. São geralmente independentes, têm autonomia de decisão e fazem uma boa gestão da sua vida. São minoritárias relativamente às restantes.

Os preços praticados nas diferentes zonas também se diferenciam, sendo que a última referida é aquela em que os preços das relações sexuais são os mais elevados. Os preços mais baixos encontram-se entre as mulheres que têm uma aparência física descuidada e/ou desgastada seja decorrente da idade, seja consequência do consumo de drogas. É, no entanto, entre as toxicodependentes mais degradadas que se encontram junto aos bairros psicotrópicos que se atingem os limites mínimos.

Confirmámos, deste modo, a existência de uma hierarquia entre as prostitutas de rua, que depende de variáveis como a idade, a aparência e o local de actividade, e que afecta a possibilidade de ganhar mais ou menos dinheiro.

Além destas existe ainda uma outra característica, das mais distintivas da prostituição de rua, a sua mobilidade territorial. Uma zona com grande densidade de prostitutas pode rapidamente deixar de ser procurada por estas mulheres. Embora existam ruas no centro da cidade onde a prostituição já existe desde o século XIX, noutras as mulheres mudam-se com frequência. Às vezes, as explicações são tão simples como o encerramento duma pensão, a zona passar a ser mais policiada e deixar de ser procurada pelos clientes, ter aberto nas proximidades um negócio de restauração que funciona durante a noite ou a droga passar a ser vendida num local longe daquele.

Em síntese, no centro ou na periferia, organizadas pela idade, pela relação com as drogas, pelo sexo/género ou pela aparência física/forma de estar na actividade, a prostituição de rua tem ainda a característica da grande mobilidade territorial. Mas o sua característica mais saliente é a disseminação pela cidade. Não estão confinadas a guetos, não estão ocultadas dos demais cidadãos, nem sequer estão apenas nas margens da cidade. Estão por todo o lado, seja nos subúrbios, seja nos centros residenciais e comerciais. Trabalham em qualquer hora do dia, tanto na noite deserta, como no dia habitado. E, exceptuando casos pontuais, não provocam conflitos sociais. Quando existem tensões, elas são dentro do grupo das pessoas que se prostituem e não entre este e outros grupos de cidadãos. Existe uma coexistência pacífica que é contraditória com as vozes dos que se levantam para condenar o desenvolvimento desta actividade no centro da cidade e que clamam pela construção de bairros específicos.

5. Reflexões finais

A metodologia que utilizamos funcionou como um espelho de aumento e ao aumentar revelou-nos contornos mais pormenorizados, tendo redundado numa abundância de dados. Uma das conclusões possíveis remete, assim, para a multi-contextualidade. Da rua das pensões, viaturas e matas ao interior de bares, apartamentos, moradias e hotéis, a diversidade adequa-se à procura, seja porque existe a necessidade de actividades diferentes, seja porque os clientes são provenientes de níveis socio-económicos diversos.

Além da mais óbvia divisão entre rua e interior, podemos também distinguir os diferentes contextos pelo seu estatuto socio-económico (um contínuo entre o muito baixo e o muito alto), pelo tipo de serviços que oferece (alterne, *strip*, prostituição ou vários ao mesmo tempo), pela sua apresentação físico-ambiental (mais ou menos bonitos, mais ou menos degradados; tendo, no entanto, algumas características comuns consoante seja uma casa ou um bar), pela sua localização na cidade (o que significa dispersão). Ou ainda, pelo facto de terem outra actividade como actividade principal, como é o caso dos hotéis ou discotecas.

Para concluir afirmemos que a aproximação ao objecto resultou na negação duma ideia estereotipada e, apesar das semelhanças entre locais, na obtenção duma imagem multifacetada, onde os diversos contextos se nos apresentam detentores de características físico-ambientais tão diferentes entre si como são diferentes uma estrada próxima dum bairro degradado e uma rua comercial do centro da cidade. Ou, como são diferentes um bar de *strip tease* e um apartamento que publicita massagens mas onde se faz sexo comercial. Quem fala nas diferenças entre as características físico-ambientais, tem que referir as que existem nas características humanas, sendo que existem diversas idades, sexo/género, tipos de relação com drogas, aparência física.

Terminamos salientando a importância da continuidade da investigação neste domínio. Pretendemos prosseguir-la direccionando o nosso trabalho para outras variáveis de análise, bem como para níveis menos descritivos e mais compreensivos. Quando se investiga uma área praticamente inexplorada, como é o caso do trabalho sexual, em geral, e da prostituição, em particular, em Portugal, há que começar por caracterizações mais gerais que permitam, posteriormente, avançar para análises mais pormenorizadas e aprofundadas. Foi o que fizemos e o que pretendemos continuar a fazer nos estudos que vamos prosseguir.

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, P. A. & ADLER, P. (1998). Observational techniques. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.) *Collecting and interpreting qualitative materials*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- BARTOL, C. (1991). *Criminal behavior. A psychosocial approach* (3ª ed). New Jersey: Prentice-Hall.
- BIERNACKI, P. & WALDORF, D. (1981). Snowball sampling. Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological methods & research*, 10, 41-163.
- CHAPKIS, W. (1997). *Live sex acts: women performing erotic labour*. Londres: Cassell.
- CRUZ, F. S. (1984). *Da prostituição na cidade de Lisboa (1841)*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- DAVIS, N. (2000). From victims to survivors: working with recovering street prostitutes. In R. Weitzer (Ed.) *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge.
- DEBUYST, C. (1990). Présentation et justification du thème. In *Acteur social et délinquance – hommage à Christian Debuyst*. Bruxelas: Pierre Mardaga.
- FARLEY, M. & BARKAN, H. (1998). Prostitution, violence and posttraumatic stress disorder. *Women and health*, 3, 37-49.
- FAUPEL, C. (1991). *Shooting dope. Career patterns of hard-core heroin users*. Gainesville: University of Florida Press.
- FERNANDES, L. (1998). *O sítio das drogas*. Lisboa: Editorial Notícias.
- FERNANDES, L. & CARVALHO, M. C. (2000). Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método do *snowball*. *Toxicodependências*, 6, 3, 17-28.
- HØIGÅRD, C. & FINSTAD, L. (1992). *Backstreets. Prostitution, money and love*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.
- KANOUSE, D., BERRY, S., DUAN., N., LEVER, J., CARSON, S., PERLMAN, J. & LEVITAN, B. (1999). Drawing a probability sample of female street prostitutes in Los Angeles County. *The journal of sex research*, 1, 45-51.
- KEMMESIES, U. (2000). How to reach the unknown: the snowball sampling technique. In G. Greenwood and K. Robertson (Eds.) *Understanding and responding to drug use: the role of qualitative research*. EMCDDA Scientific monograph series nº 4.
- LEVER, J. & DOLNICK, D. (2000). Clients and call girls: seeking sex and intimacy. In R. Weitzer (Ed.) *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge.
- LEVER, J. & KANOUSE, D. (1998). Using qualitative methods to study the hidden world of offstreet prostitution. In J. Elias, V. Bullough; V. Elias & G. Brewer (Eds.) *Prostitution. On whores, hustlers and johns*. New York: Prometheus Books.
- MANITA, C. & OLIVEIRA, A. (2002). *Estudo de caracterização da prostituição de rua no Porto e em Matosinhos*. Porto: CIDM.
- MCCAGHY, C. (1985). *Deviant behavior: crime, conflict and interest groups* (2ª ed.). New York: McMillan Publishing Company.
- MEIER, R. (1989). *Crime and society*. Boston: Allyn and Bacon.
- OLIVEIRA, A. (2002). *Da prostituição ao trabalho sexual: actrizes, práticas e contextos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto com vista à obtenção do grau de Mestre.
- OLIVEIRA, A. (2004). *As vendedoras de ilusões. Estudo sobre prostituição, alterne e strip-tease*. Lisboa: Editorial Notícias.

- OLIVEIRA, A. & MANITA, C. (2002). Prostituição, violência e vitimação. In R. A. Gonçalves e C. Machado (Coords.) *Violência e vítimas de crimes (Vol. 1 – Adultos)*. Coimbra: Quarteto.
- O'NEILL, M. & BARBERET, R. (2000). Victimization and the social organization of prostitution in England and Spain. In R. Weitzer (Ed.) *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge.
- PORTER, J. & BONILLA, L. (2000). Drug use, HIV and the ecology of street prostitution. In R. Weitzer (Ed.) *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge.
- PRYEN, S., BARBOTIN, D. & MARY, C. (1997). *Étude sur les conditions de vie des personnes prostituées à Lille*. Rapport IFRÉsi présenté à AIDES Nord-Pas de Calais et au Conseil communal de prévention de la délinquance de Lille.
- SCHISSEL, B. & FEDEC, K. (1999). The selling of innocence: the gestalt of danger in the lives of youth prostitutes. *Canadian journal of criminology*, 1, 33-45.
- SILBERT, M. & PINES, A. (1981). Occupational hazards of street prostitutes. *Criminal justice and behavior*, 4, 395-399.
- SILBERT, M. & PINES, A. (1982). Victimization of street prostitutes. *Victimology*, 1-4, 122-133.
- THIO, A. (1983). *Deviant behavior* (2^a ed.) Boston: Houghton Mifflin Company.
- WEITZER, R. (2000). Why we need more research on sex work. In R. Weitzer (Ed.) *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge.
- WELZER-LANG, D., BARBOSA, O. & MATHIEU, L. (1994) *Prostitution: les uns, les unes et les autres*. Paris: Editions Métailié.
- WHITTAKER, D. & HART, G. (1996). Research note: Managing risks: The social organization of indoor sex work. *Sociology of health and illness*, 3, 399-414.